

DISCUTINDO A TRADUÇÃO DA BÍBLIA ¹

Lucinéa Marcelino VILLELA

E por isso deram ao lugar o nome de Babel: lá suas línguas se tornaram balbúrdia por obra de Yahweh. Espalhados por Yahweh a partir dali, alcançaram os confins da terra.

O Livro de J (Tradução por David Rosenberg)

RESUMO *O objetivo principal deste estudo é refletir sobre a tradução da Bíblia no que se refere à teoria de tradução e às suas conseqüências para o texto bíblico. Refletiremos sobre algumas traduções bíblicas que evidenciam um verdadeiro jogo de disputas de significados. Veremos a impossibilidade de considerar uma tradução como correta ou sagrada, excluindo outras traduções possíveis como erradas ou profanas. Eugene Nida aparece como o teórico de maior importância no campo da Tradução Bíblica e consideraremos seus postulados e regras que tentam determinar e controlar a produção de sentidos na tarefa tradutória. Veremos também como Jacques Derrida, George Steiner, Harold Bloom e outros estudiosos da tradução e da Bíblia, enquanto interesse literário e religioso, se posicionam e tratam do Sagrado e do Profano. A relevância deste trabalho está em considerar a diferença e a oposição na tradução da Bíblia como um assunto complexo e tratar dicotomias como Sagrado e Profano como possíveis e inevitáveis, dentro de um mesmo contexto.*

ABSTRACT *The main purpose of this study is to reflect on the Bible Translation concerning its theories and their consequences in the biblical text. We are going to analyze some Bible translations which shows a game of forces of meanings. We are going to face the impossibility of considering one translation as the right or sacred one excluding other possible translations as wrong or profane. Eugene Nida appears as the most important theorist in the field of Bible Translation and we will consider some of his postulates and rules that try to determine and control the production of meanings in the translation. We will also present Jacques Derrida's, George Steiner's and Harold Bloom's positions on Bible Translation and how they deal with the Sacred and the*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 16 de janeiro de 1997, sob a orientação do Prof^o Dr. Paulo Roberto Ottoni.

Profane. The relevance of this work lies in considering the difference and opposition in the Bible Translation as a complex matter and in facing dichotomies such as the Sacred and the Profane as possible and inevitable, within the same context.

A tradução da Bíblia é considerada por muitos autores como um estudo diferenciado de diversos tipos de tradução. Esta crença está enraizada na própria história da tradução que teria seu nascimento mítico na criação das múltiplas línguas no episódio bíblico da destruição da Torre de Babel, havendo a necessidade da tradução para que os diversos povos viessem a se entender e fosse possibilitada a comunicação entre eles.

É nesta cena de maldição e bênção que aparece a tradução. Ao mesmo tempo que a corrupção humana trouxe a confusão entre as línguas e com isso a falta de entendimento entre os povos, a atividade tradutória surge para trazer uma nova maneira de unir as nações.

Segundo Jacques Derrida (1985), o episódio da Torre de Babel, além de trazer à cena a multiplicidade irreduzível das línguas, mostra a impossibilidade de completar, de totalizar algo que é da ordem da edificação. O próprio nome Babel traz consigo um certo embaraço, sendo traduzido em algumas línguas como *confusão*. Esta confusão ocorre tanto entre os arquitetos que queriam construir uma torre que alcançasse os céus como entre as línguas. A busca de alcançar um só nome, “*sem um nome não temos eles*” (tradução de Gênesis de David Rosenberg) vem a ser a causa da destruição da torre. Os arquitetos da Torre de Babel ousaram desafiar o interdito, pois, o nome de YHWH¹, trazia em si o sagrado, o impronunciável e o proibido. Derrida afirma que a tradução carrega em si uma lei necessária e impossível, um tipo de dívida, que nunca será paga. Assim como o nome Babel não pode ser traduzido, a tradução aparece como uma tarefa necessária e impossível.

Ao tratar de algumas questões levantadas por Walter Benjamin em *The Task of the Translator*, Derrida (1985) afirma que a tradução é uma exigência do original, fazendo parte de sua lei interior. Essa exigência evidencia a incompletude do original; falta a ele algo que seria da ordem da tradução. Tal desejo, segundo Benjamin apud Derrida (1985), só é possível via uma correspondência com um pensamento de Deus.

A tradução será “desejada” não somente pelos construtores de Babel, mas pelo próprio Deus que veria nessa construção a possibilidade de ter seu nome traduzido. Seu nome, assim como o nome Babel, são intraduzíveis, há então o movimento entre o proibido, o possível e o impossível, o traduzível e o intraduzível.

Segundo Derrida (1985), a necessidade inescapável da tradução determina que o original peça por um complemento, e que, portanto, não possui uma plenitude, há nele uma falta: “*E se o original pede por um complemento, é que em sua origem ele não estava lá sem falta, pleno, completo, total, idêntico a si mesmo. Desde a origem do original à tradução há a queda e o exílio*”². Assim, a tradução passa a ser encarada como aquela que vai permitir a transmissão do sagrado e ao mesmo tempo impedi-la, ou

¹ O nome de Deus era considerado sagrado na tradição religiosa hebraica, logo o tetragrama YHWH era impronunciável representando a sacralidade contida no próprio nome de Deus.

² Esta e as demais citações são minhas traduções, exceto as indicadas nas Referências Bibliográficas.

fazer dessa tarefa uma profanação do texto divino; uma violação, como foi violação a construção da Babel, e um desafio presente na ousadia daqueles povos em buscar um acesso ao nome de YHWH.

A discussão sobre a “divindade” do texto bíblico e, conseqüentemente, de sua tradução traz à tona questões não somente no meio religioso, mas nos meios poéticos também. Um dos tradutores brasileiros que possui um envolvimento bastante relevante com a tradução do texto bíblico é Haroldo de Campos. A Bíblia faz parte de seus estudos poéticos de *transcrição*, como costuma frisar, e não de mera tradução. Em sua abordagem, o signo tem importância fundamental, e traz em si uma fisicalidade e materialidade que deverão ser resgatadas pela tradução criativa, recriação ou *transcriação*. Ao traduzir alguns trechos e livros bíblicos, Campos se dispôs a uma tarefa poética e não religiosa como faz questão de distinguir. Em *Bere’Shit, A cena da Origem* (1993), coletânea que contém traduções e comentários do livro de Gênesis, Jó e Eclesiastes, ele trata sua tradução como uma tarefa laica, “*Minha aproximação ao texto bíblico - assinala-se - é laica. Estou primordialmente interessado em poesia.*” Mas logo em seguida se questiona: “*Por outro lado, como ver incompatibilidade entre sacralidade e poeticidade?*” (p.19). Em outro momento, diz que sua tradução da Bíblia é secular e não religiosa.

Em suas *transcrições*, o autor busca sempre uma fidelidade a um espírito do original, o qual acredita estar mais presente em uma tradução onde há o ato criativo e não uma mera busca da literalidade. Campos coloca, desta forma, sua própria obra em uma classificação ou numa ordem diferente das traduções “comuns” da Bíblia. A classificação canônica em vigor é instituída por aqueles que tentam delimitar os textos sagrados e profanos, considerando tradutores como Campos não-autorizados a traduzirem o livro bíblico enquanto texto sagrado, mas somente enquanto tentativa de poetizá-lo. Essa dicotomia, no que se refere à Bíblia, não está inserida na questão da crença religiosa em si, mas pura e simplesmente em relação ao texto bíblico, como se este carregasse em si, em sua materialidade, o espírito divino ou sagrado. Não se trata de deslocar a Bíblia do contexto religioso, mas de inserir sua leitura e tradução e, conseqüentemente, seus leitores e tradutores, em uma classificação por si só divina, da qual farão parte somente os possuidores de “dons” divinos, ou os verdadeiros sacerdotes.

Nas últimas décadas a tradução do texto bíblico tem tomado dimensões bastante amplas, sendo considerada como uma área de pesquisas e estudos relevantes e complexos, estruturando-se como uma Instituição teórica, ideológica e mesmo política. Um dos grandes precursores e contribuintes para este caráter acadêmico e lingüístico da tradução bíblica foi o lingüista e tradutor Eugene Nida. Nida foi um dos fundadores do Summer Institute of Linguistics, instituto americano de estudos tradutórios e lingüísticos da Bíblia, responsável pela tradução do livro bíblico para povos não-evangelizados em todo o mundo.

Seguida por algumas linhas religiosas evangélicas, a teoria nidiana de tradução propõe uma tradução do texto bíblico ao mesmo tempo fiel ao espírito presente na comunicação original e à intenção de seu autor e de fácil acesso ao leitor-receptor. Desta forma, o tradutor deve ter um conhecimento profundo não somente da língua a partir da

qual está traduzindo, mas das intenções e inspirações que tiveram os autores “originais” ao redigirem as Sagradas Escrituras. Tradutores leigos ou laicos, como Campos, não seriam, portanto, legitimados para tal tarefa. Aliás, como vimos, o próprio Campos afirma seu distanciamento do texto bíblico enquanto obra religiosa.

Considero a concepção teórica de tradução de Nida como uma visão sacerdotal da tradução, colocando o tradutor como um mero transportador de significados, pressupondo-se assim que há a possibilidade do resgate de sentidos sem a interferência interpretativa e autoral do tradutor.

Podemos constatar a resistência em se aceitar o caráter interpretativo e de produtor de significados da tradução quando nos deparamos com críticas acirradas a traduções contemporâneas da Bíblia. Um exemplo desta resistência ocorreu quando da publicação da **Bíblia na Linguagem de Hoje**. Esta Bíblia foi publicada em 1988 no Brasil pela Sociedade Bíblica do Brasil e foi totalmente traduzida por membros de sua Comissão de Tradução. Esta tradução é baseada na teoria nidiana de tradução, buscando assim uma fácil interpretação de seu texto pelo público receptor. Porém, mesmo ao defender uma mínima interferência do tradutor neste processo, a Comissão responsável por esta tradução foi duramente criticada por produzir uma tradução *mudancista* (repleta de mudanças, obviamente não aceitas pela tradição religiosa) e cheias de anacronismos.

Algumas polêmicas se desenvolveram entre críticos e tradutores, mas nenhuma das partes conseguirá jamais fixar a sua escolha tradutória como a certa e julgar as demais como incorretas ou profanas.

Outro exemplo de uma tradução do texto bíblico que não foi considerada propriamente Bíblia, e que foi criticada por alguns estudiosos bíblicos é a tradução e seu comentário do *Livro de J³*, por Harold Bloom & David Rosenberg (1992).

Esse livro, embora não esteja inserido atualmente na Bíblia Ocidental, faz parte daquilo que é considerado pelos estudiosos como a parte mais antiga do Pentateuco, incluindo seus três primeiros livros: Gênesis, Êxodo e Números. Em sua *desleitura* de J, como Bloom define sua tarefa, é apresentada uma possível autora (J) que apresenta uma face nova de um Yahweh, muitas vezes irônico, infantil, pueril, “humano-demasiado-humano” (relembrando Nietzsche), contrariando a tradição de um Deus perfeito e inatingível. Bloom vê a Bíblia como uma biblioteca de textos literários, e considera que “*a distinção entre textos sagrados e seculares provém de decisões sociais e políticas e, portanto, não constitui absolutamente uma distinção literária*” (p. 23). Bloom ainda afirma que a religião pode ser a maior das bênçãos ou a maior das maldições, ou seja, assim como a Bíblia pode ser considerada sagrada ou profana dependendo do contexto ou da maneira em que será instituído seu texto; há também a dicotomia entre o bem e o mal dentro da própria religião, ele acrescenta que historicamente ela parece ter sido (ou, estar sendo) as duas coisas.

Bloom e Rosenberg foram bastante criticados por autores, estudiosos e críticos que acreditam na necessidade do perfeito conhecimento da língua do “original” para comentar qualquer texto bíblico. Um desses estudiosos é Robert Alter que tece duras

³ O **Livro de J** não deve ser confundido com o **Livro de Jó**. Embora os dois pertençam ao Velho Testamento, o **Livro de J** inclui os três primeiros livros do Pentateuco: Gênesis, Êxodo e Números. Enquanto o **Livro de Jó** relata a história do personagem Jó, escrito provavelmente no séc. VI antes a.C.

críticas tanto à tradução de Rosenberg como aos comentários de Bloom. Alter, apud Campos (1995), acusa a falta de conhecimento do hebraico por parte de Bloom, e considera uma “*decisão catastrófica*” atrelar seus comentários à tradução de Rosenberg, uma vez que, dessa maneira, estaria sempre lendo ou tratando do (a) J de Rosenberg, o que para Alter tem uma grande diferença do J original. Este tipo de acusação, aliás, é bastante corrente quando se trata de tradução bíblica, há uma busca constante de uma maior fidelidade ao texto bíblico, supondo-se que recorrendo ao texto hebraico ou grego isto será possível.

Alter refuta completamente o argumento de Bloom de que J seria uma mulher, afirmando que tal hipótese é “*fragilmente documentada*” e de um “*fundamentalismo não religioso*”. Parece-nos, porém, que Bloom (1992) não se incomoda muito com possíveis críticas aos seus comentários e hipóteses, afirmando no **Livro de J**:

Já que estou consciente de que minha visão de J será condenada como fantasia e ficção, começarei observando que todos os relatos da Bíblia são ficções eruditas ou fantasias religiosas, e geralmente servem a propósitos bastante tendenciosos. Ao propor que J era uma mulher, não estarei favorecendo os interesses de nenhum grupo religioso ou ideológico. Ao contrário, estarei tentando, através dos meus anos de experiência de leitura, dar as razões para minha impressão das diferenças surpreendentes entre J e qualquer outro escritor bíblico.

Assim como Campos, Bloom distancia sua versão do **Livro de J** de uma obra ou ideologia religiosa, defendendo inclusive a posição de que todos os relatos bíblicos são ficções. O autor não deixa de constatar, porém, a influência da Bíblia na humanidade, quando afirma:

Se a Bíblia é única (no Ocidente, à exceção do Corão), isto se dá porque permanecemos enclausurados por ela, seja que manifestadamente nela acreditemos, seja que isso não ocorra. Shakespeare e Freud, mais do que Homero e Platão, continuam os únicos rivais da Bíblia, no fato de capturar-nos contra a nossa vontade, determinando nossas respostas à vida e à arte. Não contemos a Bíblia, ou Shakespeare, ou Freud. Eles nos contêm (Campos, 1993, p.91).

A Bíblia é apresentada por Bloom como uma presença inescapável na humanidade. Ele desvincula, portanto, a questão da crença ou da religiosidade de sua influência em nossas vidas. Sua importância é colocada no mesmo patamar que a obra de Shakespeare e Freud, todos estes nos contendo e nos enclausurando.

Tal posição apresentada por Bloom, apud Campos (1993), vem ao encontro de nossas reflexões de que a Bíblia é um mito instituído, ou seja, independente do tradutor ou da posição ideológica em que este venha a se inserir, seu texto será considerado Bíblia ou não, desde que o contexto em que este texto for lido o legitime como tal. Assim, a tradução de Campos poderia ser considerada bíblica-religiosa se determinada comunidade religiosa a aceitasse como Escritura Sagrada, e ao mesmo tempo pode ser

condenada como um texto que ousa trazer novas interpretações e significações àquilo que já tinha sido tradicional e convencionalmente aceito e determinado como Bíblia.

Da mesma forma, **A Bíblia na Linguagem de Hoje** foi considerada *mudancista*, vulgar e muitas vezes imprópria dentro do próprio meio religioso para o qual foi destinada. O sagrado e o profano aparecem, portanto, como classificações determinadas por fatores externos ao texto bíblico em si, esses fatores são muitas vezes escamoteados ou completamente ignorados, formando-se a crença de que é o texto que traz em si sua sacralidade.

Walter Benjamin (1969) compartilha desta crença considerando os textos sagrados e a versão interlinear das Escrituras o protótipo ou o ideal de toda tradução, onde o original e a tradução se tornam um, sem a interferência do significado. Para Benjamin, Deus é quem permitiria ou garantiria a correspondência entre as línguas envolvidas em uma tradução. Assim, a perfeita tradução somente existiria a partir de uma intervenção do fator divino nessa tarefa, não se considerando o tradutor como determinante na mesma.

George Steiner (1975) parte também do relato bíblico da construção da Torre de Babel para tratar da tradução. Ele considera este fato a segunda queda do homem, a saída ou o escape para esta queda só seria possível por uma união mística entre as línguas, tal como a união descrita em outro texto bíblico, o Pentecostes. Segundo Steiner apud Milton, 1993:

Os tradutores são homens andando às cegas, tentando aproximar-se uns dos outros em uma neblina comum. Guerras sacras e a perseguição de supostas heresias são o resultado inevitável da *babel* de línguas: os homens equivocam-se e adulteram os significados uns aos outros. Mas há uma saída que leva para fora das trevas: o que Böhme chama de “linguagem sensual” - a linguagem imediata, instintiva, não ensinada, a linguagem, da natureza e do homem natural como foi outorgada nos Apostólicos, eles mesmos pessoas humildes, no Pentecostes.

Tanto Steiner como Benjamin, além de outros autores e tradutores bíblicos, consideram a *tarefa do tradutor* como uma tarefa inescapavelmente ligada ao religioso e ao sagrado, lembrando-nos o mito da tradução da **Septuaginta**, onde se acreditava que os 72 tradutores escolhidos para fazerem esta tradução grega do Velho Testamento, mesmo separados nesta tarefa, foram inspirados de igual modo mantendo identidade em todos os aspectos de suas traduções. A sacralidade, neste exemplo, foi determinada pela identidade e igualdade formal dos textos, ou seja, mantendo-se todos os aspectos textuais semelhantes divinizam-se as Escrituras. Há a crença de que, quanto maior a transparência da tradução em relação ao original, maior será sua fidelidade ao divino.

Contudo, ao tratarmos da prática da tradução no próprio contexto bíblico-religioso vemos que o Sagrado e o Profano não são simplesmente dissociáveis como se pode pensar; há na relação entre os dois um jogo que os tornam presentes e indissociáveis, impossibilitando a anulação ou negação de um em detrimento de outro. Tal dicotomia, na realidade, será considerada bastante complexa e delicada quando se parte de um

mesmo texto bíblico dentro do mesmo contexto religioso para discutir traduções oponentes.

Considero, que julgar a tradução da **Bíblia na Linguagem de Hoje** como *mudancista*, como os críticos bíblicos o fazem, admitindo como certa ou sagrada somente aquela tradução legitimada pela tradição religiosa, faz parte do que Bloom classifica de decisões políticas e sociais. E ainda acrescento decisões religiosas, que visam a manter o texto bíblico como intocável, temendo a perda do controle e poder que as instituições religiosas têm sobre a Bíblia e suas traduções.

A questão do sagrado e sua ambigüidade é tratada por Gilberto de Mello Kujawski em **O Sagrado Existe** (1994). Para esse autor, o sagrado não existe desvinculado do profano. Aliás, o próprio termo latino para sagrado *sacer* pode ter o sentido de sagrado ou maldito:

Nunca é demais insistir na ambigüidade do sagrado. [...] O sagrado é o insólito, o extraordinário, a ruptura da ordem normal. Por isso, ao mesmo tempo que atrai, o sagrado repele; ao mesmo tempo que fascina, aterra. A palavra latina *sacer* significa “santo” e também “maldito”. O objeto, a pessoa, o lugar sagrados estão freqüentemente, envolvidos pela aura do temor, do perigoso e proibido. O sagrado é tabu (palavra de origem polinésia).

Kujawski (1994) estabelece a diferença entre o sagrado e o religioso, enfatizando que aquele, ao contrário do religioso, está presente em todas as ações humanas, assim como o profano. Qualquer atividade humana, segundo ele, atividades como comer, beber, trabalhar, pode estar inserida na modalidade do sagrado ou do profano: “[...] *todas as ações em que a vida humana se empenha podem ser executadas na modalidade do sagrado ou do profano*”. O Sagrado e o Profano são vistos como aspectos inerentes à vida e, nessa perspectiva, um só pode existir a partir da presença do outro.

No que se refere à Bíblia e às questões teóricas da tradução, é inevitável admitir que tornar o texto bíblico em sagrado é o grande alvo e, para muitos, a própria existência da Bíblia na sociedade cristã é uma manifestação do sagrado ou do divino. Porém, podemos flagrar, neste mesmo contexto, a tentativa de se apagar a possibilidade de outros sentidos. Tal tentativa é fracassada quando buscam pela tradução tornar transparente e eterno o significado dos textos bíblicos originais. Tornam o “livro” um objeto divino, fetiche sagrado, fundindo-se e confundindo-se a religiosidade com a tradução, exigindo da última os atributos e características encontradas nos fiéis e nos sacerdotes dedicados a servir sua doutrina ou ideal.

A tradução da Bíblia nos permite refletir e questionar sobre aspectos polêmicos e críticos que vão desde o mito da sacralidade do texto bíblico até a postura teórica que considera o tradutor bíblico como um sacerdote que deve transmitir a mensagem divina sem interferência pessoal ou subjetiva. Problematizando essas questões, podemos constatar que as normas, princípios e teorias de tradução bíblica são insuficientes para dar uma solução definitiva para a pluralidade de significados existentes em todo e qualquer texto. Ao contrário de ser solucionadora de polêmicas, a tradução permitirá a

existência do jogo entre o Sagrado e o Profano, onde será possível considerar como verdadeiros os sentidos opostos e diferentes fazendo da tradução o lugar onde as polêmicas serão possibilitadas e onde a “verdade divina” será problematizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A **BÍBLIA na Linguagem de Hoje**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.
- BENJAMIN, Walter. The task of translator. In: **Illuminations**, Hannah Arendt (ed.), New York: Schocken Books, 1969. p.69-82.
- BLOOM, Harold, ROSENBERG, David. **O Livro de J**. Tradução por Monique Balbuena. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- CAMPOS, Haroldo. **Bere'Shit: A cena da Origem**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- _____. **Qohélet/O-que-sabe**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.
- _____. A astúcia da Serpente. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 maio 1995. p.4-6.
- DERRIDA, Jacques. Des Tours de Babel. In: GRAHAM, J. F. **Difference in translation**. Ithaca: Cornell University Press, 1985. p.209-248.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **O Sagrado existe**. São Paulo: Ática, 1994.
- MILTON, John. **O poder da tradução**. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- NIDA, Eugene A. **Toward a science of translating**. Leiden: United Bible Societies, 1964.
- STEINER, George. **After Babel**. Oxford: Oxford University Press, 1975.